

humanitas

Vol. VII–VIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. IV E V DA NOVA SÉRIE
(VOLS. VII E VIII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLV-VI

citado de Patzer e não adere à conclusão por este proposta que faz coincidir a raiz de *φύσις* com a dos verbos *φνειν φύεσθαι*; pela mesma razão discorda de Heidel-Apoia, portanto, Burnet para o qual a significação primária de «growth», proposta por Heidel, é «duvidosa», e estabelece distinção entre um verbo *φύομαι*, isto é, *φνίομαι*, de vogal longa, susceptível de exprimir «I grow» e uma raiz de vogal breve *φν-*, equivalente ao Latim *fu*. E, a propósito, Holwerda recorda que já Aristóteles estabelecera uma distinção paralela (p. 106) entre *φύσις* e *φνσις*. Nota que actualmente a investigação neste campo tem demonstrado que a raiz indo-europeia *bhu-* ora significa «esse», ora «fieri». E Holwerda termina partilhando sem restrições do parecer de Kirk (p. 108):

«Rather the truth is that at the ‘primitive’ stage of language there is no firm distinction between ‘become’ and ‘6e’».

E ainda (p. 109):

«The root *φν-* simply implies existence and the broad general sense of *φύσις*, from which all specialized senses are derived, is ‘essence’ or ‘nature’, the way a thing is made and, what is at times connected with this, the way it normally behaves. Aristotle’s various attempts at definition in *Metaphysics A* do not vitiate this view. In fact, passages in which *φύσις* must mean ‘becoming’ or ‘growth’ are very rare».

E esta investigação etimológica, ou antes a conclusão do A., explica a relativamente modesta utilização da palavra *φύσις* em sentido equivalente ao de *φύειν φύεσθαι*, que é o objecto do V e último capítulo (p. 110-116). No entanto foi possível estabelecer distinção entre sete diferentes acepções adentro daquela significação geral, como, pela reprodução do índice, já mostrámos.

Em conclusão: O A. demonstra-nos cabalmente, através de um excelente trabalho, cujo conhecimento reputamos de alto interesse para os estudiosos de Filologia Clássica, que, na verdade, *φύσις* é uma palavra muito inadequadamente traduzida por «natureza».

MARIA DE LOURDES FLOR DE OLIVEIRA

Gunnar Ranstrand, *Querolus sive Aulularia*. Acta Universitatis Gotoburgensis. Wettergren & Kerbers Förlag, Göteborg, 1951. IX+99 pp.

Trata-se da mais recente edição da comédia que autor desconhecido escreveu no séc. iv da nossa era. A tradição que atribui esta obra ao orador Áxio Paulo, amigo de Ausónio, goza de aceitação muito restrita.

As almas roídas pela «auri sacra fames» proporcionaram, desde longínquas épocas manancial fecundo para a elaboração de páginas de realismo social. À galeria dos onzenários, dos que, escravos do ouro, gostariam de encerrar no seu cofre todos os bens da terra, pertence *Querolus*, «o lamúrias» «o chorinhas». Não estamos em presença de uma comédia original, mas sim em presença de uma refundição da *Aulularia* que Plauto pusera em cena no séc. ni a. C.. A prosa ritmada do *Querolus*, bastante confusa, faz pensar num texto mais antigo, em verso, o que aumentaria a semelhança com o original de Plauto.

Julgamos por fazer o estudo de confronto das *Aulularias* e estamos persuadidos de que tal estudo revestiria o maior interesse de ordem literária e filológica.

A presente edição do *Querolus* oferece-nos, de entrada, uma notícia completa dos diferentes códices (*Codices integri et mutili, codices excerptorum*). Menciona depois as várias edições existentes, desde a de P. Daniel, em 1564, até à de L. Herrmann, em 1937. Vem seguidamente o texto acompanhado de metuculoso aparato crítico, ao fundo de cada página. Em remate, um completo e útil *Index verborum*.

Esta edição preparada por Gunnar Ranstrand é documento do alto nível atingido pelos estudos clássicos na Suécia. O *Querolus*, não desmerece das valiosas edições críticas de Oxford, Paris ou Leipzig.

ANTÓNIO ZAGALO

Jean Beaujeu, *La Religion Romaine à l'apogée de l'Empire. — La Politique religieuse des Antonins (96-192)*. Société d'Édition «Les Belles Lettres», Paris, 1955. 455 pp.

Esta obra de Jean Beaujeu, sobre a religião romana no tempo dos Antoninos, não se dirige apenas a pessoas de meia cultura, mas também, e sobretudo, a homens de estudo que procuram no passado o significado mais profundo dos legados das civilizações antigas.

Roma possuiu uma religião; teve os seus deuses, os seus cultos e mitos, as suas crenças, que o Imperador, tornado *Pontifex Maximus*, procurou guardar e defender contra a introdução de divindades estranhas. Essa defesa contra elementos religiosos adventícios foi sempre viva nos primeiros tempos do império; mas, à medida que a Cidade foi estendendo os seus direitos e privilégios através do mundo